

Planetário fechado há 11 anos

GIZELLA RODRIGUES
DA EQUIPE DO CORREIO

Um patrimônio de R\$ 700 mil está encaixotado em uma saleta de nove metros quadrados na Unidade de Administração Geral da Secretaria de Ciência e Tecnologia do DF. O local onde são guardados os equipamentos de alta tecnologia é o mesmo usado para armazenar pilhas de papéis que fazem parte do arquivo da unidade. Dentro das quatro caixas de madeira empilhadas no canto há mais de um ano estão lâmpadas, motores e lentes responsáveis por modernizar o projetor do Planetário de Brasília. A compra dos equipamentos seria a chance do GDF reabrir o local que encantou os brasilienses até 1997, mas, agora, o governo corre o risco de ser obrigado a devolver o dinheiro ao Ministério da Ciência e Tecnologia, financiador do projeto.

Com o tempo em que está no almojarifado, o material pode se deteriorar ou ficar desatualizado. As caixas de madeira estão lacradas, mas acumulam poeira. Além disso, a sala não tem sistema de climatização capaz de proteger os equipamentos. "A gente evita mexer para não danificar nada", conta o gerente de Material e Patrimônio da Secretaria de Ciência e Tecnologia, Saulo de Tarso Reis. Apesar do cuidado, os itens são extremamente sensíveis à poeira e à umidade. "São equipamentos óticos e eletrônicos suscetíveis às variações do clima e que precisam ser bem acondicionados. A sala deve ter um tipo de absorvente de umidade, tem que ser seca e não pode ter poeira", ressalta José Leonardo Ferreira, doutor em ciências espaciais e professor do Instituto de Física da Universidade de Brasília (UnB).

Tudo parado

O ministério, por meio da Secretaria de Ciência e Tecnologia para a Inclusão Digital, liberou os recursos graças a um convênio firmado em 2004 entre os governos local e federal para a reabertura do planetário. No acordo, o GDF seria responsável por reformar o prédio abandonado no Eixo Monumental para permitir a instalação dos aparelhos responsáveis por transformar a tecnologia do projetor, ainda analógica, em digital. Mas a contrapartida do governo local nunca foi dada e não há previsão para início da reforma do planetário.

Inicialmente, o GDF teria dois anos para cumprir sua parte no

acordo com o governo federal, mas o prazo encerrou-se em 2006. O Ministério da Ciência e Tecnologia prorrogou-o inúmeras vezes — quatro secretários passaram pela Secretaria de Inclusão Digital nesse período —, mas decidiu encerrar o contrato em janeiro deste ano e aguarda a apresentação de contas do GDF. Depois de analisar as justificativas que serão apresentadas, o atual secretário do MCT, Joe Valle, decidirá se pede ou não o dinheiro de volta. "O que nós queremos é a aplicação dos recursos investidos. Não temos interesse em recebê-los. Quem perde com isso é a comunidade." Assim, bastaria uma sinalização do GDF de que a obra será, enfim, iniciada, para que o ministério siga com o convênio.

Há um projeto pronto para a reforma do planetário e a obra já foi inclusive licitada. A Soltec Engenharia Ltda. ganhou a concorrência, em janeiro, para executar a reforma, orçada em R\$ 7 milhões e com prazo de execução de oito meses. Pelo projeto, parte do prédio atual será demolida e o planetário ganhará um museu de ciência e tecnologia, que funcionará no local dos aquários que nunca funcionaram (veja Memória), oficinas de tecnologia e um cybercafé. Mas o GDF não tem dinheiro em caixa para bancar a obra. "A Secretaria de Obras e o governador (José Roberto Arruda) têm interesse de começar a obra logo", garante o chefe da Unidade de Administração Geral da Secretaria de Ciência e Tecnologia, Saulo de Oliveira Duarte.

Via láctea

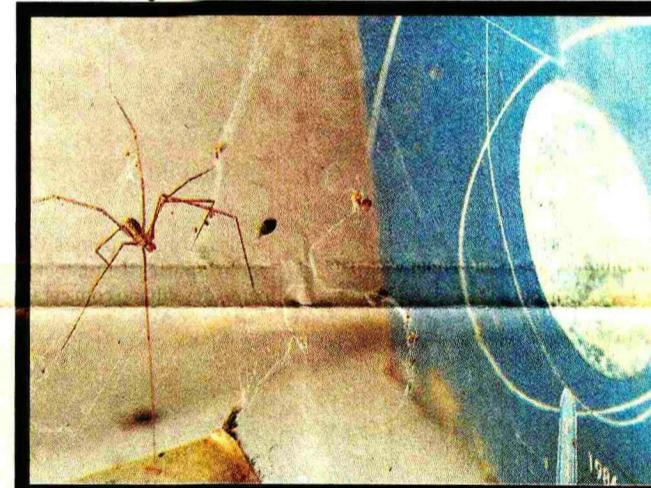
Sem o planetário, as crianças do DF perdem a oportunidade de visualizar como funciona o espaço, o sistema solar e Brasília fica de fora da rota internacional de astronomia. Ano que vem, astrônomos do mundo inteiro comemorarão os 400 anos da invenção da primeira luneta, feita por Galileu Galilei, e 2009 será o Ano Internacional da Astronomia. Além disso, o Brasil será a sede da reunião anual da União Internacional de Astronomia. Rio de Janeiro, João Pessoa, Porto Alegre e Belém receberão eventos do encontro, mas a capital não está incluída na programação por não ter um planetário. "A geração mais nova brasiliense nunca visitou um planetário. O governo pode até fazer parcerias para realizar essa obra, tão importante para a cidade", comenta o deputado distrital Cabo Patrício, líder do PT na Câmara Legislativa.



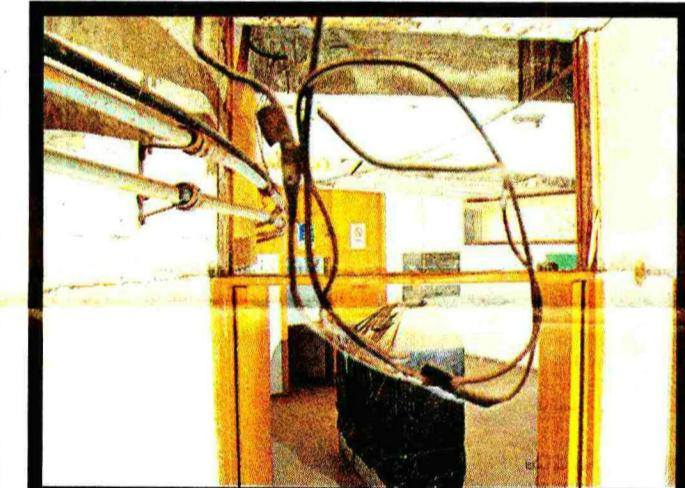
SAULO REIS, DA SECRETARIA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA, AFIRMA QUE APARELHOS ÓTICOS TÊM DE SER ACONDICIONADOS EM SALAS CLIMATIZADAS PORQUE SÃO SENSÍVEIS À UMIDADE

MEMÓRIA

Fotos: Edilson Rodrigues/CB/D.A Press - 3/10/07



TEIAS DE ARANHAS ENCOBREM SIMULAÇÃO DO MOVIMENTO DOS ASTROS



INFILTRAÇÃO DE SALAS E CORREDORES DO PLANETÁRIO: SÍMBOLO DO ABANDONO

À margem das estrelas

O Planetário de Brasília foi projetado com a idéia de unir o céu e o mar. Por isso, o arquiteto Sérgio Bernardes planejou fazer 16 aquários para ocupar o piso superior do prédio, inaugurado em 1974. No subsolo, funcionariam tanques para armazenar os peixes. Mas nem na fase de testes a idéia deu certo. As estruturas que seguravam as lâminas de vidro não suportavam a força da água e ocorriam vazamentos. Apenas um mês depois do planetário ser inaugurado, precisou ser fechado

pela primeira vez.

Nunca se encontrou uma solução para os vazamentos e os módulos foram simplesmente abandonados. Mas as infiltrações tomaram conta da estrutura. Em 1975, o planetário foi reaberto, mas os problemas continuaram. Em 1979, o prédio fechou as portas novamente. Após um ano sem funcionar, o local volta a receber o público, mas só até 1985, quando é fechado novamente. Em 1997, problemas sérios como infiltração, mofo, sujeira e projetor quebrado provocaram a necessidade de uma reforma urgente no planetário, mas ele nunca mais foi aberto.

O planetário tem 3 mil me-

etros quadrados de área construída e fica em um lugar privilegiado: entre a Torre de TV e o Centro de Convenções Ulysses Guimarães. Mesmo assim, é considerado o peixinho feio do canteiro central do Eixo Monumental. De portas fechadas há 11 anos, o cenário é desolador. O local está tomado por entulhos e sujeira, teias de aranha se acumulam pelas paredes. As 137 poltronas da sala de projeção também estão danificadas: muitas estão rasgadas e quebradas. Fios aparecem em todo lugar e o simulador das estrelas precisa de reparos.

O espaço hoje é muito diferente dos tempos em que recebia 1,5 mil visitantes por semana. Na década de 1990, a

programação dava atenção a todo tipo de público. Crianças de 4 a 8 anos assistiam ao Robozinho Blitz e as Estrelas. A garotada de até 12 anos curta Pedrinho e o vagalume. Adolescentes, jovens e adultos se distraiam com Viagem pelo sistema solar e A Terra do Cosmos. O planetário funcionava de terça-feira a domingo, com dias especialmente dedicados a alunos de escolas públicas e particulares do DF. Depois de 11 anos fechado, porém, muitos brasilienses que foram crianças nos anos de 1990 e aqueles que são nos anos 2000 nunca entraram em um centro de astronomia (na capital) e não guardam o brilho das estrelas na memória. (GR)